

A GEOGRAFIA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Raul Borges Guimarães¹

RESUMO: O grande desafio que se coloca nesse texto é o da contribuição da Geografia para o fortalecimento da produção da leitura e da escrita por parte das crianças. Que temas ganham relevância para que estes alunos ampliem seu repertório? Quais propostas de trabalho com conteúdos de Geografia podem possibilitar a construção de oportunidades para falar, pensar e agir? Na busca de respostas à estas indagações, foi possível estabelecer relações entre metodologias de ensino da leitura e da escrita, concepções de mundo e conceitos básicos da Geografia contemporânea, tais como: ambientes, tecnologia, trabalho e cidadania.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Metodologia de Ensino; Alfabetização; Ensino Fundamental.

Proponho-me a pensar nas perspectivas do ensino de Geografia nas séries iniciais do primeiro grau. Ainda que não tenha a pretensão de estabelecer todos os aspectos do caminhar do educador e do educando em suas particularidades do cotidiano da sala de aula, na qual somente estes sujeitos concretos é que podem fundar a ação pedagógica, quero enfrentar a visão da Geografia que hegemonicamente ali se ensina.

É de conhecimento de todos que os conteúdos trabalhados em Geografia, diluídos na disciplina "estudos sociais", são abstratamente separados e desconexos do desafio de se compreender e questionar as mudanças políticas e sociais que marcam este final de século XX.

O que importa notar é que as respostas mais comuns captam a escola de modo abstrato, isto é, tomam-na como algo já constituído, existente em si e por si; em outras palavras, "acreditam atingir o concreto quando na verdade dão conta das características empíricas, vale dizer, permanecem no nível da pseudo-concreticidade". (Saviani, 1986, p. 72)

Neste nível, o da manifestação empírica, torna-se evidente a origem do distanciamento da escola e do ensino de Geografia da realidade do aluno. Afinal, a escola acaba se sujeitando às mesmas regras características da atividade humana no capitalismo: a reificação do processo de trabalho e de apropriação privada desta riqueza produzida socialmente, transformando relações sociais em relações entre coisas, mercantilizando as necessidades humanas. (Braverman, 1977)

Assim, reproduz-se no ensino de Geografia nas séries iniciais, o mesmo que se verifica no mundo das primeiras letras. A preocupação central de grande parte dos

educadores tem-se voltado em termos da percepção da criança no ato da leitura, quer seja num movimento de ir das partes para o todo ou da identificação de unidades globais significativas para as partes, em que a análise destas é uma tarefa posterior. Tais posturas tem redundado em métodos de ensino que privilegiam ora a mecânica da leitura (na busca da correspondência entre o som e a grafia ou da associação entre fonemas e suas correspondentes representações gráficas), ora o processo de atribuição à leitura tarefa fundamentalmente visual e de análise de conjunto. (Ferreiro: 1985)

Na Geografia não é diferente. Verifica-se a ênfase curricular no estabelecimento de correspondência entre conteúdos recorrentes (a família, a escola, o bairro, o município, o relevo, a vegetação, o país) e a constituição de um todo fragmentário a partir da junção progressiva destes elementos isolados, cuja concepção mecânica de mundo impede de alavancar as capacidades cognitivas das crianças para transformarem estes conteúdos em ferramentas de leitura da realidade, no sentido mais amplo de significados.

O que me parece relevante, neste momento, é ressaltar que nenhuma destas perspectivas apontam para o núcleo fundamental da questão posta e que lhe confere papel primordial no processo de ensino-aprendizagem: a capacidade de refletir, analisar e criticar a realidade. Por essa razão, torna-se fundamental, atentarmos aqui para os pressupostos metodológicos, assim como as concepções - implícitas ou explícitas - sobre o processo de aprendizagem do específico da Geografia e do lugar que, ao meu ver, este aprendizado deva ocupar no processo de alfabetização.

Como infelizmente o abandono escolar é precoce no Brasil, o grande desafio que se coloca

¹ Departamento de Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

é o da contribuição da Geografia para o fortalecimento da produção da leitura e da escrita por parte de crianças que, não raras vezes, permanecem curto período na escola. Que temas ganham relevância para que estes alunos tomem contato, iniciando-se para a compreensão dos significados de suas experiências e as que viverão num futuro próximo?

A experiência na elaboração da Coleção "Aprendendo a Construir Geografia" (Poloni:1994) demonstrou que o temário e o trabalho com a Geografia pode se constituir num campo praxeológico fértil à problematização do processo ensino-aprendizagem, trazendo para a sala de aula o estudo dos projetos políticos dos sujeitos que materializam seus desejos e necessidades na forma de espaço geográfico.

Entendo com Severino que "a Educação não constitui um campo epistemológico específico, o que não é nenhum desdouro, uma vez que por sua própria natureza, é antes um campo praxeológico; a educação é fundamentalmente uma prática de intervenção na realidade social, é um processo social complexo que não pode ser apreendido e explicitado mediante categorias de um único campo epistemológico". (Severino:1990)

Nesse sentido, o entendimento, a reflexão e a pesquisa como parte do trabalho educacional só pode se dar num esforço apoiado na prática coletiva dos educadores em sala de aula, numa instituição que se insere de uma forma específica na realidade social que a rodeia. É no processo de ensino-aprendizagem e na construção destes conhecimentos, portanto, que busquei fundamentar esta prática pedagógica de alfabetização engajada no processo de transformações sociais em direção a uma sociedade mais justa. Pressupostos estes constituídos na troca de experiências com professores de todo o país, seja nos fóruns de discussão da Associação dos Geógrafos Brasileiros ou de cursos de extensão e assessorias oferecidas enquanto professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente, que culminou na elaboração da coleção de livros didáticos para séries iniciais - "Aprendendo a Construir Geografia" (1994) - em conjunto com os colegas Wagner e Delacir.

Ali, eu e meus colegas, nos opomos à divisão entre o trabalho do professor de um lado, como possuidor unicamente de um conteúdo específico e de uma habilidade de se relacionar com os alunos; e de outro lado, o trabalho do pedagogo e dos técnicos (psicólogo, orientador, sociólogo, lingüista) que elaboram, distante da sala de aula, as grandes opções curriculares e, por vezes, até o programa a ser desenvolvido pelo professor. O livro didático constituiu-se num valioso material de apoio (mas não o único) e como fonte de produção de leitura e escrita dos alunos.

A participação neste processo de construção foi possível a partir da cobrança à consciência de conhecimentos que os sujeitos possuem; porém, sem serem, muitas vezes, conscientes de que possuem. Isto significou ter assumido a postura de flexibilidade de

comportamento diante do novo, disponibilidade para refletir sobre o seu próprio pensamento (comparar, observar, classificar, interpretar, criticar, imaginar, sonhar) e valorização da dúvida.

Acredito que o trabalho pedagógico que foi capaz de sustentar estas idéias é aquele centrado na construção de conceitos. O livro didático pôde se constituir, apenas isso, num roteiro de estudos com esta perspectiva.

Tendo em vista o exposto acima, apresentarei brevemente como nós, autores, pudemos conceber e desenvolver a proposta temática desta Coleção com base na construção dos conceitos de transformação, ambiente, tecnologia, trabalho e cidadania nas séries fundamentais.

Para estes alunos, o conteúdo inicial do ensino de Geografia relaciona-se com o reconhecimento e tomada de consciência de que vivemos num planeta dinâmico. Sendo assim, pretendemos que o aluno desenvolva noções para compreender que o lugar em que vive sofre transformações por estar inserido no planeta Terra, no espaço brasileiro e mundial. Ao relacionar as experiências do aluno com a idéia de que todas as coisas ao seu redor podem se modificar, abre-se um leque de questões que aponta para a necessidade de construção de novos conceitos.

Dentre estes, a construção do conceito de ambiente visa permitir aos alunos analisar criticamente os processos utilizados pela sociedade na apropriação da natureza. O estudo do ambiente permite a apreensão dos processos naturais, a inter-relação de seus elementos e sua dinâmica. Permite também perceber a sua diversidade.

Na discussão e construção do conceito de tecnologia, procuramos ressaltar a importância que a educação e a produção de ciência e tecnologia possuem na sociedade contemporânea. Dada a expressão que tal fenômeno alcança, articulamos a este o conceito de trabalho. Procuramos permitir ao aluno o entendimento de que o trabalho é responsável por todas estas transformações e que este gera valor e idéias. A tecnologia passa a se constituir na realização histórica do trabalho, ganhando um lugar estratégico nas relações internacionais, alterando as relações de trabalho e entre os países que estão no sistema mundial.

A cidadania foi, por sua vez, considerada um conceito central, pois vivemos num país com as características sociais como o nosso, em que a justiça social ainda está longe de ser alcançada pela maioria da população. Assim, optamos por mostrar a organização da vida em sociedade, nas suas mais diversas manifestações, numa tentativa de ilustrar que é possível mudar quando há a associação de interesses, movimentos sociais organizados e disposição para lutar pelos seus direitos.

Ao estruturar o ensino mediante a construção destes conceitos, caminhamos na direção de um estudo de Geografia que contribua para o desenvolvimento de um pensar sobre o espaço geográfico como um espaço social,

produzido pelo trabalho humano. Os conteúdos a serem ensinados passam a se inserir num processo mais amplo de construção da leitura de mundo, resgatando seu sentido, ganhando significados, movimento.

Assim, nossa proposta centrada na construção destes conceitos visa introduzir o aluno no que é específico à Geografia, considerando a capacidade de observação e formas de interpretar o mundo, levando o aluno a interagir socialmente, vivenciando suas contradições, compreendendo o espaço vivido e as relações que nele se manifestam.

Todas estas noções trabalhadas através de exercícios e atividades que fornecem

materiais e oportunidades de enriquecimento do processo, constituem a relação ensino-aprendizagem do geográfico, ampliando o repertório da leitura e da escrita nas séries subsequentes.

Em relação ao aluno, a expectativa é de direcionamento das possibilidades de construir ambientes de oportunidades de falar, pensar e agir.

O saber geográfico, nesta direção, não é uma vitrina panorâmica mas, sobretudo, um instrumento de alfabetização, aqui entendida como capacidade de leitura e produção de significados e sentidos da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BRAVERMAN, H.. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1977.
02. FERREIRO, E.; TEBEROSK, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
03. GAMA, Ruy. A tecnologia e o trabalho na história. São Paulo:Nobel: EDUSP, 1986.
04. GUIMARÃES, Raul Borges. Metodologia de projetos. uma proposta para o ensino de Geografia. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente(SP), n.13, 1991.
05. MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. 2.ed. São Paulo:Martins Fontes, 1983.
06. OLIVEIRA, A.U. Ensino de Geografia: horizontes no final do século. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, n.72, p.3-28, 1994.
07. POLONI,D.R., GUIMARÃES,R.B., RIBEIRO,W.C. Aprendendo a construir Geografia. Curitiba:Arco Íris, 1994.
08. SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1986.
09. SEVERINO, A.J. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo:EPU, 1986.